

Novas Alternativas para a Educação: entre a nostalgia e a neofilia?

É já um lugar comum dizer-se que o mundo está a mudar de muito mais formas do que até aqui se tinha vindo a reconhecer, a um ritmo mais acelerado do aquele a que temos assistido, com mais amplas repercussões do que as anteriormente verificadas, etc.. Esta mudança é extremamente recente. Só mais ou menos nos últimos 5 anos, por exemplo, é que os que negavam as mudanças climáticas se tornaram nas aves raras e os profetas das mudanças climáticas se tornaram altamente escutados. E quando acerca de uma década que Ulrich Beck nos avisava que estávamos a entrar na 'Sociedade de Risco', assistimos à emergência de ameaças percebidas e de desafios de formas inauditamente novas.

Uma forma de distinguir estas mudanças e riscos é sob a forma de 'danos colaterais', inesperados - imprevisíveis e de origem difícil de identificar - e consequência de acções resultantes de comportamentos anteriores. Embora isto seja muito claro no caso das mudanças climáticas, também podemos encontrar evidências de danos colaterais na área dos riscos sociais, à medida que novas necessidades são geradas e que as velhas necessidades sociais tornam a surgir sob novas, mas ainda não identificáveis, formas, quase como as super bactérias hospitalares. O que quero aqui sugerir é que a confusão produzida pela novidade e a inimizabilidade de dados tipos de problemas sociais com que actualmente nos deparamos está a provocar potencialmente, e de forma similar, 'novas' concepções daquilo que poderá constituir uma resposta eficaz a esses problemas, e que essas novas concepções têm claras implicações na educação.

Da mesma forma que os tipos de [novos](#) problemas identificados podem ser vistos, num certo sentido, como ortogonais em relação aos tipos de problemas sociais anteriores (que, diga-se, não desapareceram, ou se tornaram menos importantes), o mesmo acontece em relação às soluções. Isto pode ser ilustrado através da consideração de concepções alternativas para lidar com problemas sociais de há 15-20 anos atrás. A questão, à altura, era a de encontrar uma alternativa aos caminhos do Estado e do Mercado, e gerou uma hoste de fontes e de perspectivas alternativas 'suaves' - comunidade, solidariedade, rede, etc. - que culminaram no tipo de híbridos que surgiram sob a designação Terceira Via. A escolha agora é muito mais semelhante àquela entre procurar que o tempo volte para trás, revertendo as ameaças e os riscos, e confiantemente esperar por soluções tecnológicas que aceitemos que venham a surgir - escolha essa que podemos referir como a escolha entre 'nostalgia' e 'neofilia'.

O problema é que, obviamente, esta escolha cria novos 'espaços entre', e é a forma como esses espaços estão a ser ocupados que eu quero, ainda que de uma forma breve, destacar, na medida em que estão a gerar um potencialmente estimulante leque de alternativas, dando razões tanto para o optimismo como para o pessimismo. Num certo sentido, podem ser vistas como as netas dos 'novos movimentos sociais' que emergiram em resposta à percepção do autoritarismo e da esclerose dos governos sociais-democratas dos anos 1970, mas que foram veiculados pela maré neo-liberal. Talvez as formas mais comuns destas novas perspectivas sejam aquelas que estão a surgir sob a designação 'empreendedorismo social' e 'inovação social'. Aquilo que une estas respostas é o termo 'social', mas a forma como este termo é interpretado é, precisamente, aquilo que os divide, procurando o empreendedorismo social aplicar as disciplinas e os métodos do mundo das empresas para resolver problemas sociais, e a inovação social orientando-se no sentido de encontrar novas maneiras e novas ideias para alcançar objectivos sociais.

Têm também claras associações com a ideia de uma terceira via entre o Estado e o mercado, mas o terreno ideológico no âmbito do qual operam é muito diferente do da Terceira Via. Há 20 anos atrás, os problemas com que o Estado, o mercado ou a economia tinham que lidar eram ainda assumidos como sendo passíveis de resolução pela acção pública; eram a composição e a coordenação dessa acção pública que estavam precisamente em causa. Hoje, os objectivos são muito mais modestos, fragmentados, de curto prazo ? e 'locais'. Neste ponto, contudo, termina a semelhança e o interesse para os educadores começa. Esse interesse assume, é claro, muitas formas, mas aquilo que distingue tanto o empreendedorismo social como a inovação social das respostas da 'Terceira Via' é que esta concebia os problemas e as questões com que a 'educação' se deparava como sendo, efectivamente, a própria 'educação', estando as contribuições que veiculava em clara continuidade com as formas que as precederam; a natureza dos problemas era concebida essencialmente da mesma forma, assim como o era a natureza da capacidade da 'educação' para contribuir para a sua solução.

Estas abordagens 'sociais' diferem desta perspectiva de três maneiras principais. Primeira, podemos inferir que o âmbito das suas actividades educativas é muito diferente. Num certo sentido, uma forma pela qual elas identificam a sua diferença é a sua disponibilidade para desassociar as suas actividades do corpo central das actividades educativas; não sendo necessário considerar as consequências mais amplas daquilo que é implicitamente visto como uma reunião contingente e não necessária de elementos num único sistema designado como educação. Paralelamente, isto corresponde a um reconhecimento de que os processos de educação 'normais' criam eles próprios 'danos colaterais', que não podem, nem tal é possível, por si mesmos atenuar a uma escala mais ampla. A segunda diferença sobrepõe-se a isto, ao distinguir um conjunto diferente de actividades e actores envolvidos no desenvolvimento da educação. Em particular, a ideia, e a importância, dos 'stakeholders' está muito disseminada nas diferentes intervenções 'sociais' e veicula um leque muito diversificado de conotações em relação às tradicionais assumpções acerca de como a educação deve ser desenvolvida.

E a terceira é que todos estes elementos em conjunto abrem não só novos espaços para as actividades educativas, mas também novas formas de actividades educativas.

Um exemplo, a este propósito, é o da adaptação das técnicas dos jogos de computador, por um lado, ou *sites* de redes, por outro, como modelos que podem ser considerados pelas abordagens sociais, e como uma fonte aberta de métodos de produção de conhecimento enquanto modelo para a construção de um novo tipo de curriculum.

Especulação? Sem dúvida - mas não mais do que a Nostalgia ou a Neofilia, e muito mais honesto em relação ao que está em causa.

Roger Dale